

EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR NO PROGRAMA DE EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS (PEJA) NO CENTRO DE REFERÊNCIA DE EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS (CREJA) DURANTE PANDEMIA - DESAFIOS E POSSIBILIDADES

SCHOOL PHYSICAL EDUCATION IN THE YOUTH AND ADULT EDUCATION PROGRAM (YAEP) IN THE YOUTH AND ADULT EDUCATION REFERENCE CENTER (YAERC) DURING PANDEMIA - CHALLENGES AND POSSIBILITIES

EDUCACIÓN FÍSICA ESCOLAR EN EL PROGRAMA DE EDUCACIÓN DE JÓVENES Y ADULTOS (PEJA) EN EL CENTRO DE REFERENCIA DE EDUCACIÓN DE JÓVENES Y ADULTOS (CREJA) DURANTE LA PANDEMIA - RETOS Y POSIBILIDADES

Oswaldo do Carmo de Oliveira¹

Resumo: O relato a seguir apresenta desafios e possibilidades encontrados ao longo de 2020 no município do Rio de Janeiro, onde atuo como professor de Educação Física escolar em turmas de Educação de Jovens e Adultos. O objetivo aqui apresentado é de compartilhar experiências vivenciadas ao longo de 2020, indagando como os desafios e possibilidades apresentados impactam as práticas pedagógicas. Por fim se observa como o avanço conservador foram potencializados no momento de pandemia.

Palavras-chave - Educação Física; PEJA; CREJA

Abstract: The following report presents challenges and possibilities found throughout 2020 in the city of Rio de Janeiro, where I work as a school Physical Education teacher in Youth and Adult Education classes. The objective presented here is to share experiences lived throughout 2020, asking how the challenges and possibilities presented impact pedagogical practices. Finally, it is observed how the conservative advances were enhanced at the time of the pandemic.

Keywords: Physical Education. YAEP. YAERC.

Resumen: El siguiente informe presenta desafíos y posibilidades encontrados a lo largo de 2020 en la ciudad de Río de Janeiro, donde trabajo como docente de Educación Física escolar en clases de Educación para Jóvenes y Adultos. El objetivo que aquí se presenta es compartir experiencias vividas a lo largo de 2020, preguntando cómo los desafíos y posibilidades presentados impactan las prácticas pedagógicas. Finalmente, se observa cómo se potenciaron los avances conservadores en el momento de la pandemia.

Palabras clave: Educación Física. PEJA. CREJA.

¹Especialista em Educação Física Escolar, CREJA/SME/RJ, Grupo de Pesquisa ELAC/IEF/UFF, osvaldooliveira@globo.com.

1 INTRODUÇÃO

As experiências por mim vivenciadas e aqui expostas são resultados de dinâmicas pedagógicas e só foram possíveis pela parceria de colegas professores/as e estudantes.

Ao iniciar o ano letivo de 2020, no começo do mês de fevereiro, em paralelo com os primeiros contatos com estudantes e equipe docente para planejamentos a serem estruturados para o corrente ano, notícias circulavam dando conta de uma nova doença surgida inicialmente na China, nomeada pela OMS de Covid-19. Enquanto no fim de fevereiro aqui no Brasil vivíamos uma pausa para o período do carnaval, Tedros Adhanom, diretor-geral da OMS, divulgava ao mundo a possível chegada de uma pandemia (SÁ, 2020). Apesar de muito grave em alguns países pelo mundo, aqui, em terras brasileiras, tudo parecia ainda muito distante de nos atingir em meio as celebrações carnavalescas.

Até que em março, mais precisamente no dia em que as escolas tiveram suas atividades suspensas, demos início a uma rotina de tentativas de atividades à distância, passando a enfrentarmos inúmeras dificuldades e desencontros.

Estando naquele momento atuando em turmas de Educação de Jovens e Adultos (EJA), atuação esta que venho mantendo desde o ano de 2008 no município do Rio de Janeiro no Programa de Educação de Jovens e Adultos (PEJA) até os dias atuais, como professor de Educação Física escolar, percebo que este distanciamento físico em prol da vida seria desafiador, repleto de obstáculos, para todos os envolvidos neste processo de aprendizagem.

Nos Documentos Norteadores do PEJA, a EJA, modalidade de ensino da Educação Básica, tendo "[...] sua inclusão, na ótica do direito, como direito público subjetivo, é uma conquista e um avanço cuja efetivação representa um caminho no âmbito da necessidade de políticas integradas". (RIO DE JANEIRO, 2012, p. 05)

E ainda nesse sentido do direito, após a V Conferência Internacional de Educação de Adultos (CONFINTEA) em 1997, duas vertentes são consolidadas na EJA:

[...] a primeira, a da escolarização, assegurando o direito à educação básica a todos, independentemente da idade, e considerando a educação como direito humano fundamental; a segunda, a da educação continuada, como exigência do aprender por toda a vida, independentemente da educação formal e do nível de escolaridade, o que inclui ações educativas de gênero, de etnia, de profissionalização, questões ambientais etc., assim como a formação continuada de

educadores, estes também jovens e adultos em processos de aprendizagem. (PAIVA, 2006, p. 522)

Hoje, próximos de completarmos um ano desde o primeiro período de fechamento das escolas em 16 de março de 2020, ao olhar para esforços aos quais todos foram submetidos (discentes e docentes) durante este período, é possível pontuar desafios e possibilidades nas aulas de Educação Física numa realidade remota em que fomos, e ainda estamos sendo submetidos, buscando conter ou amenizar o avanço conservador que encontrou espaços de atuação neste momento de pandemia onde a Escola e a Educação Física não saíram ilesos nesse processo.

Este relato pretende compartilhar o momento de (re)construção vivenciado ao longo de 2020, numa perspectiva de Educação Física que visa o trabalho como práticas pedagógica e social:

[...] como prática pedagógica, aborda/tematiza o conhecimento da área denominada *cultura corporal* - na qual os jogos, as brincadeiras, as ginásticas, as danças, as lutas, os esportes estabelecem estreita vinculação com os ambientes socioeducacionais em que estão inseridos. Como prática social, envolve códigos, sentidos e significados da sociedade que as cria e mantém - ou seja, estão caracterizadas enquanto uma produção humana, ao longo da sua história e, portanto, cultural. (CARVALHO, 2011, p. 12, grifo do autor)

Estas práticas se relacionam entre si, não sendo simples, mas necessário que uma não se distancie da outra, uma se comunicando com a outra para uma formação ampla do indivíduo durante as práticas pedagógicas deste componente curricular.

2 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Buscando registrar como foram os momentos de trabalho docente nas construções de propostas a serem desenvolvidas juntos aos/as alunos/as ao longo do ano de 2020, relatarei como os processos foram se construindo e como estes dialogaram e ainda dialogam com autores/as que me auxiliaram (e seguem me auxiliando) a atravessar este período tão diferente no cotidiano escolar. Assim, a pesquisa se caracteriza por uma metodologia em que as narrativas auxiliam a indagar o cotidianamente realizado. E mesma acontece “quando qualquer dos processos é desenvolvido envolvendo pesquisadores e pesquisados no mesmo trabalho, já que a ambos interessaria a criação de respostas imediatas para uma certa necessidade” (SANTOS, 2001, p. 30). Sendo eu além de pesquisador neste projeto também me situo na condição de professor participante do objeto de pesquisa, as aulas de educação física no CREJA.

3 RESULTADOS E DISCUSSÃO

Com a necessidade do fechamento das escolas municipais no Rio de Janeiro em março de 2020, em função da covid-19, deu-se início um período cercado de incertezas e dúvidas do que iria vir pela frente em relação a como os/as estudantes seriam atendidos durante o tempo em que estariam afastados/as das escolas. No decreto 47282, de 21 de março de 2020 foram apontadas algumas indicações do que poderia surgir durante o período de afastamento, dentre elas: "disponibilização de aplicativo, para celular e solicitação de ampliação da velocidade no ambiente da rede mundial de computadores, para uso de professores e alunos" (BRASIL, 2020).

As escolas precisaram se adaptar rapidamente a uma nova situação para poder descobrir como atender os/as alunos/as em meio às incertezas sobre quanto tempo iria durar o fechamento das escolas, tendo em vista o desencontro de ações e informações nas diferentes esferas governamentais que encontravam na esfera federal discursos negacionistas sobre a gravidade da covid-19. No município do Rio de Janeiro os planos de ações eram pouco claros e num contexto em que vivíamos um ano em que aconteceriam eleições municipais para prefeito e vereadores. Tínhamos assim um cenário desafiador na busca de manter um canal de comunicação com os/as estudantes para as ações pedagógicas que se fariam necessárias para seus desenvolvimentos.

Minha atuação em turmas do PEJA vem desde o ano de 2008 na Escola Municipal Rubens Berardo, no início de um projeto piloto de Educação Física (CARVALHO, 2011). No Centro de Referência de Educação de Jovens e Adultos (CREJA) me encontro desde o ano de 2017 e foi aí onde vivenciei as experiências ao longo do ano de 2020.

O CREJA, uma escola exclusiva de educação de jovens e adultos, ligada à Secretaria Municipal de Educação (SME) do Rio de Janeiro, iniciou o ano de 2020 com as dinâmicas de planejamentos de começo de ano a partir de avaliações iniciais que sinalizavam as propostas a serem desenvolvidas nos primeiros meses do ano. Na educação física, por exemplo, iríamos refletir através de diferentes atividades como os distintos modelos corporais se relacionavam cotidianamente, abordando algumas formas de discriminação, social, racial, entre outras tantas. Tal escolha atendia a uma abordagem feita inicialmente entre os/as estudantes onde foi possível identificar que em certos momentos alguns passavam por situações de discriminação e nem percebiam.

Ao percebermos, professores e equipe de direção, que a situação de distanciamento das escolas não seria por curto período, iniciamos a pensar em

proposições de meios possíveis para, inicialmente, manter vínculos com os/as alunos/as no sentido de monitorar como estavam atravessando aquele difícil momento. Naquele momento um previsível obstáculo se apresentou de forma expressiva: a dificuldade de conectividade. Tal barreira sinalizava também que se fazia urgente pensar como tentar alcançar os/as estudantes e desenvolvermos alguma dinâmica pedagógica. Muitos destes/as estavam perdendo seus empregos, ficando doentes, perdendo seus entes, passando enfim toda uma série de dificuldades tão ou mais importantes quanto levar adiante o processo de escolarização, e sem que a questão de conectividade fosse resolvida pela SME/RJ.

A invisibilidade decorre de um sentido comum inculcado nos seres humanos pela educação e pela doutrinação permanentes. Este sentido comum é evidente e é contraditório ao mesmo tempo. Todos os seres humanos são iguais (afirma o capitalismo); mas, como há diferenças naturais entre eles a igualdade entre os inferiores não pode coincidir com a igualdade entre os superiores (afirmam o colonialismo e o patriarcado). (SANTOS, 2020, p.12)

O desafio de alcançar os/as estudantes transitava entre o que afirma o capitalismo e o que afirmam o colonialismo e o patriarcado estava hegemônico e assim fomos em busca de alternativas, enfrentando esse contexto com uma perspectiva democrática de educação.

Como o CREJA já mantinha uma página na internet, onde era possível encontrar informações, documentos, imagens, dentre outros, guardando, assim, de maneira virtual, um acervo das ações ali desenvolvidas, resolvemos produzir atividades destinadas aos/as alunos/alunas disponibilizando-as no site, cientes de que o alcance inicial poderia não ser muito amplo pela dificuldade de acesso que muitos/as teriam, mas seria uma possibilidade de tentarmos estabelecer um vínculo que se transformasse em construção de trocas de conhecimentos. Este material permanece acessível no site, crejarj.wixsite.com/creja, numa seção de "sala de aula virtual".

Em 2020 o CREJA contava com dois professores de Educação Física a frente das turmas do PEJA, além de mim fazia parte da equipe a professora Silvana Rígido. Embora a direção da escola, juntamente com a coordenação pedagógica, frequentemente promovesse reuniões pedagógicas com todos os/as professores/as buscando a integração do trabalho coletivo, aqui faço considerações especificamente sobre minha colaboração nas produções elaboradas. Expondo, assim, os desafios encontrados durante o ano de 2020 no desenvolvimento das atividades e as possibilidades que foram sendo encontradas durante todo o processo.

Inicialmente planejei a produção de pequenos vídeos que pudessem dialogar a cada semana com os/as alunos/as, juntamente com a elaboração de questionamentos em que pudessem interagir com estes vídeos através de seus registros.

O primeiro grande desafio encontrado era então o diálogo, ou a falta dele, de maneira efetiva com os/as estudantes, para que os planejamentos pudessem ganhar forma na participação direta deles/as. Tal desafio encontrava na dificuldade de conectividade uma importante barreira. Neste sentido o decreto 47282 de 21 de março de 2020 não conseguia cumprir o previsto em relação a prover acesso a internet se tornando assim um importante aliado no avanço conservador, se considerarmos as limitações impostas aos/as alunos/as que precisavam deste mecanismo para manter uma rotina de estudos ainda que de menor volume do que encontravam no sistema presencial, mas que de alguma maneira pudesse minimizar perdas.

Por que não discutir com os alunos a realidade concreta a que se deva associar a disciplina cujo conteúdo se ensina, a realidade agressiva em que a violência é a constante e a convivência das pessoas é muito maior com a morte do que com a vida? Por que não estabelecer uma necessária "intimidade" entre os saberes curriculares fundamentais aos alunos e a experiência social que eles têm como indivíduos? Por que não discutir as implicações políticas e ideológicas de um tal descaso dos dominantes pelas áreas pobres da cidade? (FREIRE, 1996, p.15)

Outro desafio que se fez presente neste processo diz respeito a escolha da linguagem a ser utilizada para a proposição e desenvolvimento de atividades nesse ambiente virtual mantendo a "[...] a cultura corporal como ideia principal para o desenvolvimento da educação física na EJA". (LIMA *ET AL.*, 2011, p. 40)

Enquanto acompanhava que nos demais componentes curriculares os colegas planejavam a elaboração de pequenos textos, apresentação de slides, compartilhavam materiais de diversos autores e questionários, eu tinha a expectativa de conseguir me reunir com os/as estudantes por meio de videoconferência.

Percebi que meus colegas, professores e professoras, também estavam mobilizados por dinamizar estes encontros. Esperávamos que fosse possível, através destes encontros, estabelecer um vínculo onde o diálogo fosse o objeto principal para o acolhimento, a aproximação e escuta de como os/as estudantes estavam atravessando aquele momento tão difícil. Assim esperávamos que o ato de acolhimento para o diálogo fosse mais significativo do que a tentativa atribulada de aproveitar estes encontros pensando simplesmente em trabalhar conteúdos, fazendo aproximação com Freire: "Jamais me satisfez uma inteligência tecnicista da prática educativa". (2000, p. 40)

Este caminho não seria uma realidade para muitos/as estudantes, tendo em vista as dificuldades de acesso onde se inclui a falta de equipamentos por parte de muitos e o uso de dados móveis que nas videoconferências é um grande problema.

Os vídeos que foram elaborados, do material específico de Educação Física, para serem incluídos no site da escola, tinham em torno de cinco minutos cada um, onde seriam abordados diferentes temas, deixando no fim uma possibilidade de reflexão por parte dos/as alunos/as, pedindo que registrassem de maneira escrita e digital suas reflexões em formulários produzidos para este fim. Nos vídeos ainda foram possíveis propor alguns movimentos em que destacavam como possíveis de serem realizados em pequenos espaços, adaptando materiais, buscando assim levantar a reflexão sobre a necessidade de movimentos para o corpo, mesmo num momento tão delicado em que atravessávamos todos, agravados pelas situações particulares que a pandemia impôs a muitos (desemprego, perda de qualidade de vida, óbitos, etc.). Estas proposições não surgiram desconsiderando o momento em que passávamos (e ainda passamos), mas buscavam elementos que auxiliassem a todos atravessarmos este momento, preocupados com o corpo que temos, cuidamos e que faz parte de um contexto em que se insere. Pois, como aponta Daolio (1995, p. 39) : "No corpo estão inscritos todas as regras, todas as normas e todos os valores de uma sociedade específica, por ser ele o meio de contato primário do indivíduo com o ambiente que o cerca".

Tendo definido que tipos de materiais seriam produzidos para abastecer a página da escola, um combinado inicial entre o corpo docente da escola sinalizava que, dentro de cada componente curricular, construiríamos inicialmente materiais para que os estudantes pudessem entender um pouco mais sobre esta nova doença que chegava, mexendo com nosso cotidiano de maneira tão intensa.

Nesse percorrer, o diálogo entre docentes e discentes sofreu um duro golpe, pelo distanciamento que se fazia necessário e que acabou sendo acentuado pela falta de acessibilidade de muitos/as estudantes: dificuldades no uso da internet, dificuldades em terem aparelhos apropriados e dificuldades para entenderem o funcionamento de tecnologias, foram alguns dos motivos que levaram o distanciamento estremecer o diálogo docente/discente. Neste sentido não se observou um plano de ação pelo poder público capaz de minimizar os efeitos negativos daquele momento.

No intuito de tentar minimizar o efeito negativo do distanciamento sobre o diálogo, o material encaminhado para a aula dois apresentava um questionário que convidava os/as estudantes a exporem o que gostariam que fosse abordado nas próximas

aulas sobre a covid-19, e que entendessem que fosse pertinente nas aulas de Educação Física escolar. Reafirmo que não estávamos insensíveis ao fato de termos um pequeno alcance dessas aulas entre nossos/as alunos/as, ainda assim tratávamos o material como tal, pois queríamos o diálogo com os estudantes e, em momento da necessidade de distanciamento social, as redes sociais, através da internet, se faz viáveis.

Nesse movimento, afirmávamos a educação como direito que através do diálogo humaniza as relações, reconfigura o processo de escuta e estabelece que toda a palavra, independente de sua origem, é importante e tem seu lugar no mundo. Ao pretendemos uma formação crítica de nossos/as estudantes recorremos a prática dialógica como meio a ser seguido.

Esta é a razão por que não é possível o diálogo entre os que querem a pronúncia do mundo e os que não a querem, entre os que negam aos demais o direito de dizer a palavra e os que se acham negados deste direito. É preciso primeiro que, os que assim se encontram negados no direito primordial de dizer a palavra, reconquistem esse direito, proibindo que este assalto desumanizante continue. (FREIRE, 1970, p. 51)

Seguindo mobilizado pela necessidade de manter um diálogo, ainda que numa nova realidade que nos distanciava fisicamente, retornei na aula 16 novamente a convidar os/as estudantes a colaborarem com sugestões do que gostariam que fosse abordado nas próximas aulas. Importante apontar que neste momento não nos limitávamos mais a falar somente sobre a covid-19. E, como o diálogo não se exercia em sua plenitude a partir dessas proposições em questionário, procuramos utilizar chamadas em grupos, combinando com antecedência e utilizando os aplicativos whatsapp e Messenger. Mas esbarrávamos na questão do alto gasto no uso de dados para a baixa adesão nos encontros. Ainda assim era mais uma possibilidade que buscávamos.

Conforme respostas dadas pelos/as estudantes nas aulas citadas anteriormente, e também considerando retorno deles em atividade realizada antes do fechamento da escola em março, onde por meio de registro escrito relatavam se já tinham passado por momentos em que se sentiram discriminados, se sofreram episódios de preconceito (pela cor da pele, pela origem de nascimento, origem social, etc.), pude refletir e organizar os vídeos que seriam elaborados para as aulas.

Assim, foram produzidos para o site do CREJA um total de 62 vídeos em 22 aulas de Educação Física para as turmas que eu atendia. Procurava de alguma maneira fazer relação com as colocações feitas pelos/as alunos/as. A postagem das atividades no site era feita em média quinzenalmente.

Dentre os vídeos é possível encontrar desde práticas corporais que poderiam ser realizadas pelos/as estudantes em suas casas (ginásticas, alongamentos, danças), utilização de materiais que poderiam ser adaptados como garrafas pet, toalhas, por exemplo, até exposições sobre determinados temas, algumas vezes utilizando materiais de vídeos de outras pessoas, como do Dr. Dráuzio Varella, que auxiliavam nessas exposições.

Faço um destaque na aula 14 onde os vídeos abordavam o tema sobre *pessoa com deficiência e o preconceito*, onde contei com a participação de uma aluna de uma das turmas, aluna mulher, pessoa com deficiência, dançarina profissional, que dialogou um pouco sobre o tema proposto e no fim pudemos assisti-la em ação durante apresentações de dança. Esse material produzido fazia aproximação com conceito de educação intercultural apontado por Candau (2014, p.1):

A Educação Intercultural parte da afirmação da diferença como riqueza. Promove processos sistemáticos de diálogos entre diversos sujeitos - individuais e coletivos - saberes e práticas na perspectiva da afirmação da justiça - social, econômica, cognitiva e cultural - assim como da construção de relações igualitárias entre grupos socioculturais e da democratização da sociedade, através de políticas que articulam direitos da igualdade e da diferença.

Esse material, disponível no site do CREJA, visava o alcance tanto dos/as alunos/as do PEJA I (equivalente aos anos iniciais do ensino fundamental), quanto dos/as do PEJA II (equivalente aos anos finais do ensino fundamental).

Outro destaque que faço é de material produzido conjuntamente com as professoras regentes do PEJA I (do turno da manhã), quando planejamos e elaboramos a produção de podcasts. Pensamos nessa ferramenta, pois poderia ser muito interessante nesse momento de afastamento entre os/as estudantes em fase de alfabetização e as professoras. Por se tratar de material de áudio, poderiam ter um bom alcance neste momento da escolarização.

Os temas escolhidos para os podcasts produzidos eram relevantes tanto para as professoras regentes com ênfase na alfabetização, quanto para a Educação Física escolar, por se tratar da valorização das culturas afro e de diferentes etnias indígenas. A importância no desenvolvimento dos temas se justificava pela possibilidade de, posteriormente, estabelecer momentos de diálogos a fim de que os/as alunos/as tivessem a oportunidade de registrar suas opiniões e/ou experiências sobre os materiais que estavam tendo acesso. Tais registros poderiam ser realizados dentro dos grupos de WhatsApp, que eram mantidos em cada turma, tanto de forma escrita quanto oral.

Assim, tentávamos com estas atividades utilizar as tecnologias que se faziam presentes, para parte de nossos estudantes, e além de manter vínculos. aproveitar estes espaços para provocar reflexões e a consequente construção escrita e/ou oral, utilizando o diálogo (síncrono e/ou assíncrono) nessa construção

Não registramos estas atividades no site da escola, mas guardamos os materiais produzidos em nossos arquivos pessoais. Estas produções foram a concretização do trabalho docente coletivo, onde mais uma vez aparece a relação dialógica como fator que impulsionou a ação pedagógica.

A organização para estes trabalhos descritos nas turmas de PEJA I ganhou forma na possibilidade que tínhamos de nos reunir virtualmente em encontros de caráter pedagógico e, que foram constantes durante este período de afastamento físico da escola. Em tempos de aulas presenciais estes encontros esbarram em obstáculo na constituição da matriz curricular do PEJA onde os horários de centros de estudos, momentos em que também acontecem os planejamentos pedagógicos, ocorrem em dias e horários distintos entre as professoras regentes destas turmas e eu enquanto professor de Educação Física escolar das mesmas turmas.

Estes horários de centros de estudos no PEJA, quando nos encontramos em aula presencial, junta professores/as de PEJA I e de PEJA II, estes/as responsáveis pelos componentes curriculares Língua Portuguesa, Ciências, Matemática e História/Geografia em dias distintos dos/das professores/as de Línguas Estrangeiras, Linguagens Artísticas e Educação Física.

Assim a possibilidade de termos todos/as professores/as juntos/as nestes centros de estudos, no ano de 2020, para os planejamentos e diálogos tornaram potentes cada um destes encontros.

Nas minhas relações com os outros, que não fizeram necessariamente as mesmas opções que eu fiz, no nível da política, da ética, da estética, da pedagogia, nem posso partir de que devo "conquistá-los", não importa a que custo, nem tampouco temo que pretendam "conquistar-me". É no respeito às diferenças entre mim e eles ou elas, na coerência entre o que faço e o que digo, que me encontro com eles ou elas. (FREIRE, 1996, p. 50)

O processo de desenvolvimento do diálogo entre o corpo docente teve um maior alcance, durante o momento de pandemia, pela possibilidade de flexibilização da matriz curricular do PEJA no que diz respeito aos momentos de planejamento. Assim foi possível aumentar a quantidade de encontros entre todos/as os/as professores/as ao longo do ano de 2020, mantendo as trocas pedagógicas mais constantes.

Esta dinâmica mais constante de encontros possibilitou também que fosse exercitado a escuta mútua fortalecendo a prática coletiva, mantendo o grupo docente coeso para atravessar um momento de constante produções de materiais pedagógicos, utilizando tecnologias que ganhavam destaque no momento de distanciamento, produções estas que visavam ainda possibilidades de aproximações, planejadas, com os/as estudantes.

Considerações

O ano de 2020 foi desafiador em todos os setores de nossa sociedade inclusive na educação.

Os impactos do avanço conservador na escola, na educação física e em ambos foram potencializados no momento de pandemia, pois enquanto se promovia desinformações sobre como deveria ser o funcionamento de instituições de ensino, especialmente no município do Rio de Janeiro não se criou um plano de ação para que os/as estudantes de uma maneira em geral, mas aqui destaco os/as estudantes de EJA, tivessem a possibilidade de seguir uma rotina de estudos utilizando tecnologias que se apresentavam como importantes no momento de distanciamento que se fazia necessário.

Certamente os efeitos negativos desta falta de plano de ação em nosso município, principalmente nas escolas públicas, abateu todos os componentes curriculares, e na educação física não foi diferente. Ao buscar na perspectiva da cultura corporal o desenvolvimento pedagógico em turmas de EJA, foi possível observar as dificuldades enfrentadas diante das limitações na utilização de meios tecnológicos pelos discentes.

As perdas que redundaram num maior hiato entre o público e o particular se fizeram ainda mais presente, quando observamos a diferença no enfrentamento deste momento pandêmico, onde se fez necessário o distanciamento social, que no caso da EJA significava dizer que docentes e discentes, em parte, apresentavam comorbidades, estavam acima dos 60 anos e a vacina naquele momento, em 2020, ainda era uma realidade distante.

Ao sinalizar que o sistema público de ensino no município do Rio de Janeiro não apresentava soluções que unificassem as ações no alcance dos/das estudantes percebia-se que, simultaneamente, as instituições privadas se estruturavam para não perder seus estudantes, seja negociando valores de mensalidades, ou no aparelhamento tecnológico para viabilizar o ensino remoto. Assim as oportunidades de acesso a rotina de estudos não foram as mesmas entre o público e o privado ao longo de 2020, aumentando a distância entre ambos.

Não havendo no município do Rio de Janeiro um plano de ação que incentivasse alunos/as a se manterem firmes no acompanhamento de atividades escolares, mais uma vez se configurava o não reconhecimento a educação pública como direito legal.

Na educação de jovens e adultos, o PEJA, em sua diversidade, não foi contemplado no atendimento das necessidades discentes num momento em que as ferramentas tecnológicas se faziam necessárias. Estudantes que demonstravam o desejo de seguir o distanciamento social, mas que também queriam ter condições de acompanhar os materiais que eram preparados para o acompanhamento dos componentes curriculares, mantendo a relação docente/discente menos abalada.

Possibilidades também foram apresentadas neste período e no relato que aqui exponho, uma maior aproximação entre professores/as de todos os componentes curriculares, nos planejamentos pedagógicos, surge dentre essas possibilidades, como resistência ao avanço conservador.

Com a consolidação da Educação Física escolar no PEJA, à partir da entrada deste componente curricular na matriz curricular em 2019, manter a integração com as demais disciplinas ao longo do ano de 2020 reforça ainda mais a sua importância na formação do/a estudante que busca a conclusão do ensino fundamental.

Docentes e discentes, estes últimos aqueles que tenham conseguido por forças próprias se manterem conectados, vivenciaram experiências distantes uns dos outros e apontam para a necessidade de urgência no incremento a dar acessibilidade as ferramentas tecnológicas que podem e devem ser exploradas mesmo com o fim do distanciamento que ainda se impõe neste início de 2021.

Em meio a tantas dificuldades, os envolvimento e comprometimentos entre docentes e discentes, ratificados em 2020, devem nos possibilitar sermos esperançosos, assim como aponta Freire:

Por tudo isso me parece uma enorme contradição que uma pessoa progressista, que não teme a novidade, que se sente mal com as injustiças, que se ofende com as discriminações, que se bate pela decência, que luta contra a impunidade, que recusa fatalismo cínico e imobilizante, não seja criticamente esperançosa. (FREIRE, 1996, p. 29)

A relação do trabalho na EJA com a perspectiva da esperança apresentada anteriormente torna possível ter o entendimento de como se buscou, no CREJA, desenvolver propostas pedagógicas que alcançassem alunos e alunas, sem perder de vista as dificuldades, barreiras e (des)estruturas encontradas por docentes e discentes ao longo do percurso no momento de pandemia.

Nesse sentido a esperança na prática pedagógica em EJA, de que a Educação Física escolar, assuma compromisso de buscar possibilidades, estando integrado com os demais componentes curriculares, de apresentar propostas na formação do/a estudante considerando suas especificidades como sujeito/a de EJA, rompendo com práticas hegemônicas que visam caracterizar o momento da educação física apenas como atividades físicas em busca de lazer, de recreação, sem intencionalidades que contribuam na formação deste/a estudante, desconsiderando a cultura corporal e as corporeidades que se envolvem neste processo.

Então, por fim, a construção deste relato como objeto que pretende provocar reflexões, não apenas em momentos pandêmicos, como os aqui apresentados, mas principalmente para aquilo que se pretende desenvolver, como práticas pedagógicas, no pós pandemia, deixa a seguir alguns questionamentos para que se possa pensar em construir respostas dentro das diferentes realidades políticas, econômicas, sociais, culturais, encontradas nos mais diversos espaços da EJA.

A Educação Física escolar desenvolvida pela perspectiva da cultura corporal é capaz de alcançar as diversidades encontradas na EJA de que maneira? As tecnologias que tiveram suas utilizações intensificadas, ou pelo menos tentadas, em tempos pandêmicos, terão espaços e incentivos estruturais como possibilidades na relação docente/discente? Os corpos discentes tão impactados durante o período de pandemia podem encontrar na Educação Física escolar quais contribuições durante o período de pós pandemia, visando a formação da consciência corporal? E, como o coletivo docente pode se fortalecer na busca de práticas pedagógicas?

REFERÊNCIAS

BRASIL. MARCELO CRIVELLA. **Atos do Prefeito**: decreto rio nº 47.282 de 21 de março de 2020. **Diário Oficial**. Rio de Janeiro, p. 1-2. 21 mar. 2020.

CANDAU, Vera M. Concepção de educação intercultural. Rio de Janeiro: Editora PUC-Rio, 2014. (Documento de trabalho).

CARVALHO, Rosa Malena (org.). Este encontro entre a Educação Física escolar e a Educação de Jovens e Adultos. In: CARVALHO, Rosa Malena (org.). **Educação Física Escolar na Educação de Jovens e Adultos**. Curitiba: CRV, 2011. Apresentação, p. 11-18.

CARVALHO, Rosa Malena (org.). A Educação Física na Educação de Jovens e Adultos. Paraná: CRV, 2011.

DAOLIO, J. A Construção Corporal do Corpo Humano - O corpo: sede de signos sociais. In: DAOLIO, J. (Ed.). **Da Cultura do Corpo**. Campinas: Papyrus, 1995. cap. 2, p. 36 – 42.

FREIRE, P. A dialogicidade - essência da educação como prática da liberdade. In: FREIRE, P. (Ed.). **Pedagogia do Oprimido**. 17^a. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1970. cap. 3, p. 50-76.

FREIRE, P. Não há docência sem discência. In: FREIRE, P. (Ed.). **Pedagogia da Autonomia - saberes necessários à prática educativa**. 25. ed. São Paulo: Paz e Terra, 1996, p. 15.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da indignação: cartas pedagógicas e outros escritos**. São Paulo: Unesp, 2000. 63 p.

LIMA, A. et al. Orientações para a Educação Física na EJA - Uma Experiência em Construção. In: CARVALHO, R. (Ed.). **Educação Física Escolar na Educação de Jovens e Adultos**. 1^a. ed. Curitiba: CRV, 2011. cap. 2, p. 37 – 55.

OLIVEIRA, O. **PEJA I e II - Educação Física - Manhã e Noite**. 2020. Disponível em: <https://crejarj.wixsite.com/creja/salaefpejaii-manha-noite>. Acesso em: 14/03/2021.

PAIVA, Jane. Tramando concepções e sentidos para redizer o direito à educação de jovens e adultos. **Revista Brasileira de Educação - Anped**, Rio de Janeiro, v. 11, n. 33, p. 519-566, set. 2006. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/rbedu/v11n33/a12v1133.pdf>. Acesso em: 04 jun. 2021.

RIO DE JANEIRO. César Benjamin. Secretaria Municipal de Educação. **Documentos Norteadores do PEJA**. Rio de Janeiro, 2012. 55 p.

SÁ, D. M. de. **Especial Covid-19: Os historiadores e a pandemia**. 2020. Disponível em: <http://www.coc.fiocruz.br/index.php/pt/todas-as-noticias/1853-especial-covid-19-os-historiadores-e-a-pandemia.html#.YFC-v1VKjIV>. Acesso em: 04/03/2021.

SANTOS, B. de S. A trágica transparência do vírus. In: SANTOS, B. de S. (Ed.). **A Cruel Pedagogia do Vírus**. Coimbra: Edições Almedina, 2020. cap. 2, p. 10 – 14.

SANTOS, A. R. dos. Metodologia Científica: a construção do conhecimento. 4^a. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2001.